

ENSAIO SOBRE A RAZÃO TÉCNICA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Manuel Cândido PIMENTEL

Universidade Católica Portuguesa - Lisboa

RESUMO

Neste artigo o autor mostra que a civilização ocidental desenvolveu um conceito de razão cujas características principais presidem ainda a sua evolução. O problema dessas características, segundo o autor, pode ser analisado no conjunto sincrónico das formas sócio-culturais contemporâneas no que diz respeito, especialmente, ao universo tecnológico, levando-se sempre em consideração aspectos diacrónicos do desenvolvimento dos múltiplos caminhos que a cultura percorreu no ocidente. Essa cultura submete ao princípio da organização e da funcionalidade o saber que historicamente vai produzindo. À luz de um pragmatismo governado pelo utilitarismo, a razão como razão técnica, determina como útil ou inútil certos excedentes culturais que parecem fugir ao domínio imediatista da função como a arte, a religião e a filosofia as quais dependeram, paradoxalmente, ao longo da História, da organização social que ajudaram a criar. O que não se integra à visão utilitarista, expressão da razão cultural técnica, resta como apelo espiritual da cultura ao homem para que este transcenda o limite da opinião e se renda ao apelo do Ser e da Verdade.

RÉSUMÉ

La civilisation occidentale a développé, selon l'auteur du présent article, un concept de raison dont les caractéristiques principales président encore à son évolution. Le problème de ces caractéristiques peut être analysé dans l'ensemble synchronique des formes socio-culturelles contemporaines dans ce qui se rapporte spécialement à l'univers technologique en considérant toujours les aspects diachroniques du développement des multiples chemins que la culture a parcouru dans l'Occident, culture qui a soumis au principe de l'organisation et de la fonctionnalité le savoir que historiquement elle produit. À la lumière d'un pragmatisme régi par l'utilitarisme, la raison, en tant que raison technique, détermine comme utiles ou inutiles des manifestations culturelles qui semblent fuir au domaine immédiatiste de la fonction comme l'art, la religion et la philosophie et qui, pendant le cours de l'histoire, ont dépendu, paradoxalement, de l'organisation sociale qu'elles ont aidé à créer. Ce qui ne s'intègre pas à la raison en tant que raison utilitariste, expression de la raison technique, reste comme appel spirituel de la culture de l'homme pour que ceci outrepassse la limite de l'opinion et se rende à l'appel de l'Être et de la Vérité.

A Civilização Ocidental desenvolveu um conceito de razão cujas principais características presidem, desde tempos imemoriais, à sua evolução, explicativas ainda dos seus mais íntimos paradoxos, globalmente governando a cultura e enformando o pensamento teórico e a prática activa do homem no contexto das suas circunstâncias e das estruturas sociais que o condicionam.

O problema daquelas características, que reenvia para a mais essencial questão da natureza da razão, é susceptível de ser analisado no conjunto sincrónico das formas sócio-culturais contemporâneas, no que, sobretudo, diz respeito ao universo tecnológico, sempre para tal análise levando a consciência história da diacronia e do desenvolvimento dos múltiplos caminhos que a cultura foi traçando no Ocidente. Uma cultura gerando-se na aparência apolínea da sua tessitura organizativa e funcional em grande escala, pois que submete ao princípio da organização e da funcionalidade o saber que historicamente vai produzindo.

Não só o pragmatismo da acção imediata, mas também, governando aquele, o utilitarismo, ambos surgem, tantas vezes, como a metafísica inconsciente do senso comum, a degradada face da aventura humana no cosmos, na sociedade, nas instituições e na política, que, dentro do logicismo funcionalista, determina como útil ou como inútil certos "excedentes" culturais que parecem fugir ao domínio imediatista da função, como a arte, a religião e a filosofia, realidades que, em melhores ou em piores alturas da História, vivamente têm padecido da própria organização social que, por paradoxo, ajudaram a criar. Mas aquilo que verdadeiramente não se integra na visão utilitarista, expressão menor - mas bem real - da razão cultural técnica, em rigor se pode dizer que sobrenada como apelo espiritual da cultura ao próprio homem, para que este, transcendendo os limites da opinião, se venha a banhar na luz iluminadora de um dos maiores legados da mesma razão, herdado do cérebro especulativo e luminoso da Grécia Antiga: a descoberta da fonte original e substancial do Ser e da Verdade.

A deslocação da cultura ocidental da sua origem aconteceu por um histórico e progressivo jogo de forças e de pressões, nem sempre fáceis de detectar e de explicar, circunstâncias da sua evolução, por lei ou por acaso acontecidas, que foram e vão definindo os traços de uma razão que não é, de sua natureza, um mero efeito do desenvolvimento civilizacional, mas que, determinando-se ao longo deste de progressiva modo, o tem sobredeterminado e definido. Esta razão passou por transformação do logos vivo, que, nas origens do pensamento, ausculta e atende o ser, ao afã classificatório das faculdades da alma, dos gêneros e das espécies, compartimentando a existência em múltiplos sentidos, momento, portanto, já lógico e já funcional, de onde derivaria o destino do pensamento que ordena e que define pelos traços de requisitadas fronteiras a ética, a estética, a teologia, a filosofia, inaugurando as divisórias, sempre cada vez mais amplas, de um saber estratificando-se até irromper no espaço contemporâneo da disciplinarização das ciências exactas e das ciências humanas, acontecimento que parece marcar um impossível retorno à unidade do mesmo saber.

Transmudada nos tempos áureos do Renascimento em razão científica, viria, por um singular equívoco das gerações, a

confundir-se com a evolução tecnológica, ambigüidade extrema com começo em certo tipo de concepção ideológica da ciência. Entendida como razão técnica, a razão científica, animada pelas exigências da pesquisa e da experimentação que lhe são peculiares, alimentada pelo orgulho dos seus progressos de domínio e de conquista da matéria, foi esquecendo a linhagem histórica que a inscreve no horizonte platônico do inteligível e a transfigura num modo de convívio do homem com o ser e a natureza, tão longe das ideologias de dominação que foi vestindo ao longo dos séculos até gerar os grandes desastres ecológicos da nossa contemporaneidade. Não a razão científica, mas o modelo ideológico dessa razão, como razão técnica, foi-se insinuando na vida das sociedades, pautando os destinos do pensamento, envergando a túnica da positividade do rigor e da certeza, alimentando as ideologias do progresso social indefinido, e servindo, pelo conhecimento psicológico e sociológico do ser humano e das suas estruturas, a eficácia dos políticos, das instituições e da organização social.

Se a história do saber humano nos suscita este quadro das suas íntimas tragédias, também é certo que, em proporcional medida, a sua evolução ajudou à compreensão do próprio homem e do seu lugar vital no seio da natureza, levando-o a reflectir sobre si e a procurar-se por entre as variegadas formas culturais que foi gerando. Todavia, se encontrou ou se julgou encontrar-se no múltiplice molde dos seus discursos, igualmente viu perder-se na fragmentação do espaço do saber com a emergência e o aparecimento dos vários saberes comumente designados por "ciências humanas". Cremos ser neste espaço que melhor se compreende o surgimento dos mass media, quer porque a evolução tecnológica lhes deu origem, quer porque se arrogam ao poder de conhecimento que aquelas mesmas ciências oferecem como motivos para as suas estratégias de domínio e manipulação do espaço comunicacional.

O conceito de *mass media* vive do contexto de ambigüidades que se entrecruzam e nascem do quadro do novo saber contemporâneo de fim de século. Se, por um lado, designa com precisão um conjunto de técnicas de difusão maciça de informação dirigida a públicos específicos, para esse objectivo utilizando meios artificiais para fazerem passar os conteúdos informacionais, como acontece com a televisão,

um dos tipos tecnológicos mais acabados dos mass media, aponta, por outro lado, para um conjunto de estratégicos que se relacionam manifestamente com aquele saber disponível, vindo das ciências humanas, e que assegura o conhecimento do tecido social, da sua rede de sintomas e de sinais, permitindo antecipar o jogo pulsional das suas forças, emoções, desejos e sentimentos, jogo que se cifra num código de que há que determinar a chave para prever os efeitos da programação e da mensagem.

Os *mass media* são, por isso, os mestres e os verdadeiros líderes da opinião, sacerdotes atentos às deslocações do desejo colectivo que, por via do seu cuidado, entra na economia administrativa que rege o tempo e os espaços de emissão. Eles são os novos profetas do destino sapiencial da massa anônima, os fabricantes de sonhos que alimentam e que satisfazem as figuras do Desejo, que organizam, que canalizam e administram o Reino da Opinião.

Mais do que em outra época precedente, configura-se na nossa uma via organizada da *doxa*, de que nos faltam o poema de Parménides, os fragmentos de Heraclito ou a célebre alegoria da caverna platônica, que tende a ser vivida como essencial verdade do existir do homem contemporâneo, pois transforma a sombra e a errância em reais motivos, dando-as como a verdadeira luz do espírito, ilusões do único princípio fontal do sentido da existência. Singular inversão dos valores do ser e do estar que geram a atomização da pessoa, substituindo-a pelo indivíduo estatisticamente figurado como estrutura numérica e abstracta, levando-o às águas turvas da solidão e à crucificação no exílio pela perda do significado da vida. Falta-nos, pois, pensar como a lei da *doxa* se vem exprimindo existencialmente no seio vivo da sociedade contemporânea como uma das figurações e desvios da lógica funcionalista da razão.

O privilégio do sujeito pessoal, pensado no interior das correntes espiritualistas, veio por um processo de estiolamento social a converter-se no sujeito individual anônimo, tão longe daquela noção de "indivíduo" por que clamava o pensamento kierkegaardiano, levando a organização social a confrontar-se com os meios, acções e processos para redimir o fosso que ela própria cavou na realidade subjectiva do ser humano; fosso entre os desígnios da máquina social, cuja finalidade

parece ser a da própria preservação da sua lógica, e a vontade decisória do indivíduo tendencialmente dirigida para a afirmação pessoal e para a satisfação dos seus desejos, nem sempre compatíveis com os objectivos da primeira. O modo de resposta a esta tendência dos indivíduos tem sido diverso ao longo da história do género humano, com múltipla origem, quer a partir da organização estatal (mais omni-presente no regime totalitário), quer a partir de grupos sociais com acesso directo aos meios materiais, políticos e culturais, quer ainda a partir, sobretudo nas sociedades de massa, de consumo ou de desperdício, de instituições de reconhecido poder de eficácia sobre os estratos anódinos da sociedade, como a comunicação social e publicitária, muitas vezes convertida em terreno de disputa dos poderes político e religioso, servindo, por outro lado, à satisfação das forças instituais do inconsciente colectivo.

Na sua considerável importância social, a instituição dos *mass media* integra-se no conjunto das outras instituições sociais, aí detendo um papel activo, situando-se, participando e interferindo na lógica funcionalista da razão técnica, de que é um dos instrumentos mais visíveis e poderosos, o que parece transformar em mito a neutralidade, por deontologia reivindicada, da comunicação. Por outro lado, a realidade da comunicação social, cedendo à pressão das concorrências, ao privilégio do primeiro lugar de audiência entre o público, mantém uma relação escondida à aludida doxa, que vimos ser um desvio anunciador da face técnica da cultura contemporânea, na medida em que procura administrá-la em favor próprio. É a expressão real e visível do extremo poder de uma razão técnica que subjuga à sua força o jogo pulsional dos instintos do inconsciente colectivo. A verdade junguiana deste inconsciente transforma-se no texto que, situado para lá da estrutura social, cumpre atingir e decifrar. Um texto discursivo que percorre a tessitura social desde o universo familiar do indivíduo, e do próprio inconsciente deste corre ao contexto das suas relações e convenções sociais.

Se a organização social, com o surgimento da sociedade industrializada e o advento da sociedade de massa, gera a atomização do indivíduo e, com isto, os subseqüentes efeitos psicológicos da solidão, perda do lugar matricial do convívio com o outro revelando-se

nos sentimentos de isolamento, de absurdidade da existência e de impotência no controle do próprio destino, a mesma organização encontra, no entanto, meios fictícios de redenção dos circunstancialismos que foi impondo, e os *mass media* têm aí um lugar de incontornável relevo. Efectivamente, o que a razão técnica na sua face social de manifestação retira, tende a compensar os indivíduos dessa perda pela fabricação dos produtos da *indústria cultural*, para utilizar uma expressão cara à Escola de Frankfurt.

Mas o mundo dos fins proposto por aquela indústria só na aparência coincide com o mundo dos fins do indivíduo. Com efeito, aí se distingue uma singular inversão da lógica de valores, que está na base do próprio consumismo e que constitui o essencial princípio do *marketing* publicitário: a sobrecriação de necessidades e a determinação da importância de necessidades secundárias como primeiras. Trata-se de uma visível subordinação dos interesses primários, que regem a existência singular de cada um, à estrutura racional da produtividade de mercado, conseguida, no caso da imagem, por um processo de feiticismo que leva à fascinação do sujeito e que polariza o desejo. O próprio recurso à cultura tradicional mítica, sobretudo por aquele legado que condensa em si as figuras desejantes de eros, insinua-se de modo subreptício nos momentos publicitários a evocar o instinto e a desenvolver a dinâmica inconsciente, transformando a pulsão instintiva num meio condutor para a obtenção de fins objectivos.

Se tudo isto acaba por pôr o problema da eticização dos meios informativos, questionando sobre que paradigma ético deverá governar o caudal de informação, não é menos verdade que nos valores éticos e as normas sociais acabam por ser infalivelmente subordinados à lógica persuasiva mercantil. Assim, os valores são também tratados como produtos vendáveis, o que mostra bem o perigo das inúmeras utilizações possíveis dos audiovisuais. E se a indústria cultural coloca a questão da vulgarização do saber, levanta, do mesmo modo, o problema da ética, que em muito ultrapassa o âmbito da ética profissional, ou deontologia, governada e submetida aos desígnios do corpo administrativo deste ou daquele meio de comunicação.

É no quadro global destas considerações que podemos dizer que a comunicação social, sobretudo nas suas formas mais

evoluídas, incarna o projecto logotécnico de um certo saber contemporâneo, recriando como real o tempo da ilusão, propondo pautas e modelos estereotipados, valores tipificados de comportamento, assim participando do mundo geral da doxa, que ausculta e que determina os próprios conteúdos da sua indústria, fazendo coexistir a massa anônima do público com os míticos heróis que lhe chegam diariamente entrando no universo familiar, ao ponto da coerência dos ritos sociais se coordenar com a estruturação temporal dos *media*. O *media* transforma-se no real, no acontecimento objectivo que tende a abraçar num mesmo amplexo de sentido, num igual lado a lado de importância, o acontecer histórico dos factos organizados da informação quotidiano e o conjunto de histórias diversas que o espelho ficcional televisivo revela. É o iluminismo de uma razão técnica transformada no historiador do quotidiano, com todo o peso objectivo da voz, do vestir e do rosto do mago neutral da informação, para logo a seguir envergar, num passe de mágica, a sobrecasaca do herói de telenovela. Mas neste jogo de imagens, neste construir e reconstruir de informações, o verdadeiro sujeito, o verdadeiro rei, não é o locutor ou o apresentador, mas o sujeito logomáquico ou maquinal da fibra óptica, do transistor e da tela.

Um dos supostos metafísicos desta razão, que subjaz ao evoluir dos meios técnicos da comunicação, é o da objectualização, natural consequência da lei da instrumentalização, que se adivinha por detrás das formas de apropriação cultural, desde a ciência e arte à filosofia e à religião, transformando os conteúdos destes saberes em discurso comunicável, segundo a ordem imposta pela massificação da cultura. A própria linguagem transmuda-se num instrumento ao serviço do intento da neutralidade objectiva, operando igualmente ao nível da imagem pela força persuasiva que lhe é peculiar, confirmando que no horizonte ficcional imagético se situa a verdadeira realidade.

Resulta disto que o discurso constituinte da comunicação se funda sobre um outro suposto metafísico que estrutura a coerência da persuasão: qualquer que seja a perspectiva informativa (desde o noticiário à publicidade), o discurso imita a verdade. Existe um logocentrismo do discurso que assenta fundamentalmente numa lógica pensada como linguagem e que fornece o perfil estético, ético, político

e social da ideia de verdade. Esta lógica da imitação (*mimesis*) não é mais do que a extensão ao discurso do integral princípio metafísico da razão técnica, segundo o qual a verdade se apresenta como adequação (*homioiosis*) da realidade ao intelecto e no corpo sógnico da linguagem e da imagem. As conseqüências *práticas* deste tipo de verdade ao nível do discurso comunicativo estão patentes no ideário da clareza do enunciado como expressão luminosa da neutralidade objectiva da informação, cuja *poiética* parece viver do efeito de ilusão por ocultamento da subjectividade enunciativa dos discursos.

Pelo escondimento do subjectivo pode o discurso, eliminando a fonte referencial remota, alimentar a idéia de objectividade e de clareza, que, desse modo, passa a regulamentar a própria ordem discursiva. O locutor apresenta-se apenas como o meio através do qual passa uma mensagem que se afirma regulada desde uma origem objectiva e que faz, por isso, com que a subjectividade do locutor e a subjectiva ordenação do campo informativo do bloco noticioso passem ocultas, chegando incólumes, por uma espécie de travestimento de máscaras e de jogo de efeitos, ao ouvinte. A conseqüência máxima desde reenvio de espelhos, com a ocultação da virtude do espelho, permite olhar o discurso como aquele que *mostra* ou que *apresenta* a verdade mas não a **cria**.

O mito da neutralidade científica do discurso, que curiosamente é colocado em causa pelos próprios sábios da ciência pela consciência do envolvimento do sujeito na experiência, persiste no discurso comunicacional como lógica tecnicista de verdade, representando a história quotidiana do mundo como a história real, sendo, no entanto e apenas o arquivo de um saber histórico elaborado através de sucessivas fragmentações de um passado próximo, imagem museológica que anula o tempo real e o substitui pelo tempo ficcional da sua construção. É precisamente esta anulação que coloca o tempo da ficção informativa como o único e verdadeiro tempo do mundo que o discurso diz, levando ao conseqüente estreitamento da temporalidade e da distância dos acontecimentos na proporção relativa dos segundos que estruturam o espaço audiovisual.

Em virtude da lei de instrumentalização e do suposto de objectualização, a comunicação tende a ser vista como o único

continente da linguagem, não obstante ser uma parcela desta. Com efeito, se o discurso comunicativo se formula em termos de linguagem, assimilando-a ao enunciado e medindo a verdade pela adequação (homioiosis) a si do objecto representado, aí se insinua já a própria existência da linguagem como anterior e fundadora da comunicação e dos seus discursos. É certo que a razão técnica tomo à medida das suas conveniências o domínio da linguagem como esse armazém estático dos signos, concepção que se apresenta segundo a visão do poder e da eficácia do discurso, mas tal não significa que a linguagem se reduza precisamente à sua vertente comunicacional, tal como a comunicação não se reduz à comunicação social. A própria idéia da linguagem como sistema de signos é um efeito da ideologia da razão técnica, consequência do logocentrismo ocidental da nossa cultura, como bem o mostrou Hans-(Georg (Gadamer no oportuno juízo crítico que sobre este tema teceu em *Währheit und Methode*.

Ensina-nos a etimologia que o comunicar, com origem no *communicare* latina, significa *pôr em comum*, e se este sentido pode levar à interpretação da disposição do comunicar como a actualização discursiva do que, como informação, se reparte por entre o comum e se dirige ao comum da comunidade, por outro lado o comunicar abre a fronteira de uma inscrição mais vasta: concerne precisamente ao horizonte que possibilita a actualidade das relações individuais em sociedade, que promove a passagem do individual ao colectivo insinuando a voz da diferença que fractura a mesmidade e transforma o outro em instância de apelo ao rompimento da solidão do mesmo. Vemos, pois, que a comunicação não se reduz, nem sequer ao nível das práticas sociais, àquela sua face saussurriana de transmissão de informações, que obviamente implica a troca de significações pela emissão e recepção de mensagens, mas que abre, por cima desta imediata realidade, uma outra realidade mais vasta e mais activa, que é precisamente a da instauração do rosto e do apelo humano deslocando para o seio da comunicação o núcleo essencial da convivência.

A linguagem humana diz o *logos* como o seu acontecimento original proposto ao homem para a verdade do mesmo homem e do mundo que habita em companhia. Nesse logos vive o sentido integral que redime o passado e o presente, que abre aos passos da humanidade o seio redentor do futuro colocado para sinal da sua esperança. Por muitos caminhos o destino que preside à cultura ocidental decidiu de

outro modo, afirmando o logos como o transcurso dos signos dominados pela razão, sentindo o intento indefinido do progresso. Mas o verbo sobrenada e sobrevive na altura transcendente e intemporal do devir do mundo, e a verdade do homem e a verdade do mundo, manifestações desse Verbo que se diz na linguagem, na comunicação e que brilha no íntimo seio da razão da técnica, sempre despontam como luminosos raios abrindo à aurora as dimensões veladas dos seus sucessivos ocultamentos.

A comunicação social habita aquela zona da expressão saussurriana como presença do mesmo que, como mesmo, reina pelo estereotipo das formas e das suas próprias convenções, e se quebra a distância que a separa do outro pela estatística e pela escutação formal e abstracta do mundo da opinião, é sempre para realizar a sua lógica de mesmidade, que pela essência técnica que a define não parece ser possível abandonar. A redenção desta mesmidade só se encontra e poderá ser alcançada por um efeito positivo da sua razão organizativa, sobre que há que olhar e velar para lá da superfície das suas mais visíveis actuações, que lhe advém do nível da sua missão universalista e humana, tão longe dos comprometimentos administrativos dos mass media, que a alcançam e a obnubilam, mas que convém recolocar a cada instante. Trata-se, mais precisamente, desse projecto humanista da construção do que Marshall McLuhan chamou a "aldeia global", projecto escondido no seu valor teórico e aziológico dos olhos do grande público e injustamente esquecido pela crítica pessimista dos *mass media*, de onde desabrocha o sentido da convivencialidade e conhecimento entre os povos, para lá da mesquinha atitude de quem, no torrão pátrio, sofre a consciência menormente ética do sofrimento do outro e deduz a felicidade de existir banhado num mar de rosas sem espinho.

Se, portanto, reconhecemos a forma das instrumentalizações da actividade totalitária da razão técnica, por outro lado vemos subir a esperançosa espiral da fraternidade e da preocupação universal do mundo pelo que se passa e se sofre na carne do mesmo mundo, graças, sim, à evolução ternaológica e à satelitização da informação. O que periga, no mesmo tempo redime e salva, e convém esperar que, para lá das reduções, dos caminhos ínvios, dos atalhos estreitos, o poema da fraternização dos povos, como manifestação da aletheia do Verbo, aconteça no sentimento íntimo de cada um de nós.